

O BRINQUEDO, O BRINCAR E A BRINCADEIRA

Michele Orth¹

Maria Preis Welter²

Resumo

Este trabalho apresenta os dados coletados e analisados em relação ao questionário destinado para educadores de uma determinada escola de Educação Infantil, buscando identificar o uso dos brinquedos não estruturados e suas respectivas contribuições, através da pesquisa realizada na monografia intitulada “aos olhos de crianças: um papelão ou um mundo de imaginação? desenvolvimento infantil através do brincar com sucatas e elementos naturais”. Em relação a metodologia utilizada, trata-se de uma pesquisa teórica-empírica, analisando dados já existentes e os coletados durante a pesquisa de campo. A coleta de novos dados sucedeu a partir do questionário. Os dados coletados foram analisados embasado em autores criteriosamente selecionados. Vale salientar que, através da assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido, os educadores concordaram em participar da pesquisa. Por fim, considera-se este estudo de grande relevância, uma vez que é necessário ter um olhar minucioso sobre a primeira infância, além disso, garantir os direitos às crianças, em especial o direito de brincar, especialmente com sucatas e elementos naturais, o que possibilita o amadurecimento/desenvolvimento da criança em todos os aspectos.

Palavras-chave: Educadores. Sucatas. Elementos naturais. Brinquedos. Brincar.

Abstract

This work presents the data collected and analyzed in relation to a questionnaire intended for educators of a certain early childhood school, seeking to identify the use of unstructured toys and their respective contributions, through the research carried out in the monograph entitled “In the eyes of children: a cardboard or a world of imagination? Child development through playing with scraps and natural elements”. Regarding the methodology used, it is a theoretical-empirical research, analyzing existing data and those collected during field research. The collection of new data occurred from the questionnaire. The collected data were analyzed based on carefully selected authors. It is worth mentioning that, by signing the Consent Form, the educators agreed to participate in the research. Finally, this study is considered of great relevance, since it is necessary to have a detailed look at early childhood, furthermore, to guarantee the rights of children, in particular the right to play, especially with scraps and natural elements, which enables the development of the child in all aspects.

Keywords: Educators. Scraps. Natural elements. Toys. To play.

Introdução

Neste trabalho analisa-se os dados coletados na pesquisa teórica-empírica realizada, que teve como objetivo identificar o uso dos brinquedos não estruturados nas práticas pedagógicas dos educadores. O grupo de pesquisados constituiu-se de 8 (oito) educadores de uma determinada escola de Educação Infantil localizada na zona urbana.

O questionário foi composto por 15 (quinze) questões, sendo elas abertas, fechadas e de múltipla escolha. Os educadores ao concordarem em participar, tiveram disponível um

¹ Estudante do curso de Pedagogia do Centro Universitário FAI. E-mail:micheleorth07@gmail.com.

² Professora e Coordenadora do curso de Pedagogia do Centro Universitário FAI/UCEFF. E-mail: pedagogia.itapiranga@uceff.edu.br.

prazo de 14 (catorze) dias para responder. Vale salientar, que para garantir o anonimato, se utilizou nomes fictícios, com o tema relacionado as flores.

Seguindo esta perspectiva, menciona-se que no brincar as crianças necessitam de um brinquedo, logo, é possível entender que o brincar, o brinquedo e a brincadeira são indissociáveis, porém ambos possuem características próprias que se diferem (FERREIRA, 2018). O brincar é um direito das crianças defendido por lei, nesta lógica sabe-se que o “brincar é o mais completo dos processos educativos, visto que influencia o intelecto, o emocional e o corpo da criança” (TEIXEIRA, 2018, p. 04). Desta forma, considera-se que o brincar não é algo inato à criança, pois, ela aprende a brincar. No entanto, entende-se que o brincar precisa fazer parte da vida da criança, sendo que “através do brincar a criança experimenta, organiza-se, regula-se, constrói normas para si e para o outro. Ela cria e recria, a cada nova brincadeira, o mundo que a cerca (DORNELES, 2007, p. 104).

Neste sentido, buscar dados com educadores é de suma importância, uma vez que

as Instituições Escolares por meio dos docentes precisam promover atividades variadas enriquecedoras a fim de propiciar um vasto repertório de possibilidades, de experiências, de vivências, de interações com os colegas e de conhecimento, de si, de seu próprio corpo e do mundo ao redor (SILVEIRA, 2021, p. 69).

Percebe-se neste sentido a relevância do tema, despertando o olhar minucioso para as práticas pedagógicas, bem como, a oferta de materiais e espaços destinados ao brincar para as crianças. A seguir, expõe-se os resultados relacionados aos resultados do questionário referente ao uso dos brinquedos não estruturados nas práticas pedagógicas, bem como, suas contribuições para o desenvolvimento infantil.

O brinquedo, o brincar e a brincadeira

Nesta categoria apresenta-se os dados da pesquisa relativos aos brinquedos, a brincadeira e o brincar nas práticas pedagógicas dos educadores pesquisados. Primeiramente, para compreender o papel da brincadeira no desenvolvimento infantil, buscou-se entender qual direcionamento era o mais efetivo. Logo a questão retratada aos educadores concernia no seguinte: os brinquedos são fundamentais para que a brincadeira aconteça, logo, brincando a criança aprende. Neste sentido, a brincadeira possibilita

aprendizagem quando: é bem intencionada; quando é livre (não dirigida); quando é dirigida; as três opções anteriores; não se aplica/não sou capaz de opinar. Justifique sua resposta!

Em relação às respostas, constata-se que 100% (cem por cento) dos educadores assinalaram a mesma alternativa, sendo está a opção “bem intencionada, quando é livre (não dirigida) e quando é dirigida”.

Na sequência estas justificativas das respostas dadas pelos respondentes do questionário.

Antúrio justifica sua resposta mencionando que “toda brincadeira dirigida, normalmente tem uma intencionalidade. A criança precisa de brincadeiras direcionadas com objetivos específicos, buscando o seu desenvolvimento integral e a brincadeira livre é fundamental em todos os sentidos, todos os dias proporciona alguns momentos e onde a criança aprende brincando, sozinha ou com o(s) colega(s), a dividir, criar, respeitar, imaginar, ser criança, de acordo com suas limitações e potencialidades”. No entanto, calêndula enfatiza que ambos os direcionamentos são uma complementação “precisamos da intencionalidade, quando planejamos e refletimos sobre as experiências proporcionadas a partir dos interesses e necessidades observadas nos momentos do brincar livre, o que leva a refletir e oportunizar atividades dirigidas com um propósito”. Em relação a complementação sobre estes dois conceitos, Veríssimo (2018, p. 36) aponta que só ocorre quando “a criança brinca livre e de forma exploratória”, logo, o papel do educador(a) é acompanhar se a proposta do brincar está se concretizando e interferir quando necessário.

O tempo cronológico que muitas vezes é calculado pelas horas, difere do ritmo da criança. Vale salientar, que parar a brincadeira bruscamente enquanto a criança estava imaginando inúmeras situações, não se torna algo sadio a ela. Barros (2018, p. 57) apresenta questões instigantes:

Como se dá o acesso das crianças ao pátio? Quanto tempo por dia elas passam fora da sala? O que elas fazem quando estão lá fora? Podem correr? De que grau de liberdade usufruem? Afinal, os pátios, os quintais e as áreas externas podem ser o lugar onde a natureza se faz presente na escola. Essa questão está muito relacionada às rotinas escolares, bem como ao equilíbrio entre atividades dirigidas e o brincar livre. Acontece que o tempo cronológico é diferente do tempo do ritmo da criança brincar.

O planejamento é o principal aliado para garantir o tempo de brincar e, em especial, junto a natureza, no entanto, não podemos esquecer que o mesmo precisa ser flexível

quando necessário. A escolha do brincar livre, intencionado ou dirigido vai exigir o acompanhamento de um adulto e de acordo com Veríssimo (2018, p. 13)

Há diferentes formas de organizar os momentos de brincar na escola, um deles é o dirigido, no qual é proposto um tipo de brincadeira, em pequenos grupos ou com a turma, normalmente essa organização é feita pela orientação de um adulto de referência. Já a brincadeira denominada —livre, na qual permite maior autonomia por parte das crianças, na medida em que não há necessariamente um direcionamento, mesmo assim, não significa que ela isenta a participação do adulto. Pois muitas vezes, ele é o mediador nas relações de conflitos que surgem durante a brincadeira, ela auxilia na retomada das regras estabelecidas durante o jogo, além de ter o papel de observador ativo durante estes momentos.

A autora também destaca que através do brincar, o adulto pode verificar as aprendizagens e as necessidades das crianças, interferindo quando necessário. Neste viés, Girassol traz outro ponto importantíssimo para a discussão e que de modo oculto demonstra a presença de um adulto na prática, “a criança aprende melhor, ao brincar. Ela pode aprender através de brincadeiras dirigidas (onde quem dirige pode enfatizar um determinado aprendizado); através de brincadeiras intencionadas (ou seja, alguém propõe a atividade com algum intuito) e através de brincadeiras livres (a criança brinca e vai aprendendo na prática da brincadeira, encontrando soluções ou criando hipóteses)”.

Os educadores pesquisados demonstram o quão é importante o brincar, a brincadeira e o brinquedo na infância. Assim, Cravo defende que “deve-se oferecer as várias formas, para acontecer o processo de aprendizagem”. Azaleia menciona “no momento que a criança brinca a aprendizagem acontece. Na brincadeira a criança se solta, deixa sua liberdade e sua criatividade fluírem podendo assim descobrir-se e desenvolver-se como pessoa”. E para complementar a ideia Rosa-do-deserto destaca que “nas brincadeiras as crianças usam a sua imaginação”.

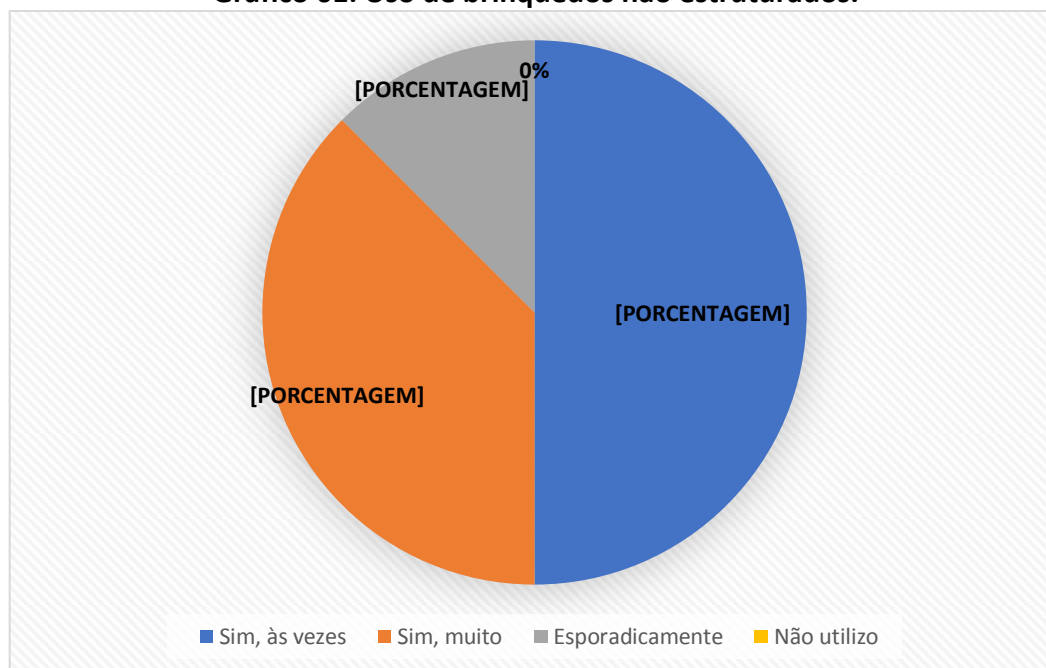
Cíclame argumenta que “a brincadeira é a principal forma da criança aprender, e isso pode acontecer de diversas formas. As brincadeiras podem ser dirigidas e conduzidas com um objetivo já específico, bem como ocorrer de forma mais livre, onde a própria criança explora as possibilidades”. As diversas formas de brincar precisam constar no planejamento do(a) educador(a), porém “a forma com que ele é organizado dentro da rotina escolar, varia muito, causando muitas vezes, uma oposição entre o brincar e o aprender, enquanto prática pedagógica” (VERISSÍMO, 2018, p. 35). Nota-se que os pesquisados apresentaram em suas

ideias como eles acreditam que o brincar, seja ele dirigido, intencionado ou livre, traz aprendizado às crianças, ao contrário dos que ainda acreditam que o brincar seja somente um mero passatempo.

O brincar é de grande relevância para o desenvolvimento infantil, direito que precisa ser garantido para as crianças, já que o brincar se constituiu em um direito da criança, porém, alguns educadores não suprem essa garantia “caso o aluno não tenha terminado a atividade ou não tenha se comportado, como exemplo de punição” (VERISSÍMO, 2018, p. 35). Este momento tão importante na infância não pode ser contado por minutos e nem retirado dela.

Por fim, Violeta afirma que *“na infância, a criança precisa de elementos concretos para brincar, construir, significar. Portanto, é importante que a criança possa brincar escolhendo seus brinquedos e brincadeiras, e outros momentos (na escola) onde a brincadeira é com intencionalidade e ainda, momentos de brincadeiras dirigidas. Porém é importante permitir que a criança tenha muitos momentos de brincadeiras livre”*. A pesquisada enfatizou um detalhe essencial, enfatizando a ideia e que as crianças tenham a possibilidade de escolher os brinquedos com os quais desejam brincar.

No entanto, é preciso entender que as brincadeiras possibilitam um enorme aprendizado quando acompanhada de brinquedos que ofertam diversas experiências às crianças. Vale salientar que não é somente pelo aprendizado, pois a criança, através do brincar, aprende a lidar com as emoções, aprende a socializar e seu próprio conceito. Os brinquedos podem ser estruturados, não estruturados e tecnológicos. Com respeito aos brinquedos não estruturados, encaminhou-se uma questão em relação a utilização de elementos não estruturados nas práticas pedagógicas, como pode-se ver no gráfico a seguir.

Gráfico 01: Uso de brinquedos não estruturados.

Ao observar o gráfico ao que condiz o percentual de uso de brinquedos não estruturados nas práticas pedagógicas, nota-se que 50% (cinquenta por cento) dos pesquisados responderam “Sim, às vezes”, enquanto 37% (trinta e sete por cento) utilizam muito e 13% (treze por cento) esporadicamente. Logo, todos utilizam os brinquedos não estruturados, o que difere é a sua frequência de uso.

Ao analisar os dados, observa-se o quão preocupante se revela, uma vez que ao somar a porcentagem do “sim, às vezes” e “esporadicamente”, totaliza-se 63% (sessenta e três por cento) do total, ou seja, são 63% dos educadores pesquisados que utilizam muito pouco os brinquedos não estruturados nas suas práticas pedagógicas. Dado preocupante, pois as crianças muitas vezes só têm esse contato com a natureza e com sucatas na escola, como Barros (2018, p. 22) explana “se esses momentos não tiverem lugar na escola ou em outros territórios educativos, talvez não aconteçam na vida de grande parte das crianças, empobrecendo o repertório de experiências que elas podem (e devem) vivenciar”. Muitas crianças não tem mais esse contato de brincar na rua com demais crianças, brincar na grama, se sujar; os adultos estão cada vez mais atarefados, o que resulta são crianças que permanecem o dia inteiro em espaços fechados com interação de com uma ou duas crianças.

Além disso, na realização da pesquisa com as crianças das turmas pesquisadas, o brincar com elementos não estruturados se demonstrou de suma importância, apresentou maior interação entre meninos e meninas, ambos brincavam com diferentes brinquedos, maior interesse e curiosidade em desbravar os elementos e o encantamento pelas suas respectivas características.

Como mencionado anteriormente sobre a brincadeira livre, dirigida ou intencionada, para que de fato se concretize, necessita-se de um planejamento adequado com os objetivos bem propostos e alinhados com os principais documentos norteadores, sendo exemplo a Base Nacional Comum Curricular. A pesquisa envolve a Base Nacional Comum Curricular, sendo seu questionamento a subsequente sabemos que o planejamento está diretamente ligado a Base Nacional Comum Curricular, este documento norteador defende os seis direitos fundamentais das crianças, sendo um deles o brincar. Neste sentido, como você prioriza o brincar no seu planejamento e na sua prática?

As práticas pedagógicas desenvolvidas pelos docentes necessitam levar em consideração documentos norteadores da educação, recentemente, no ano de 2018 entrou em vigor a Base Nacional Comum Curricular, este “... documento normativo que estabelece o conjunto de aprendizagens essenciais que devem ser desenvolvidas por todos os alunos no decorrer da educação básica” (SILVEIRA, 2021, p. 68). O documento ao se referir propriamente à educação infantil, retrata seis direitos de aprendizagens, sendo eles: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Além dos direitos de aprendizagens, temos os cinco campos de experiências: o eu, o outro e o nós; corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; espaço, tempo, quantidades, relações e transformações (BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR, 2018).

A investigação está diretamente ligada ao brincar, um dos seis direitos de aprendizagem. Ao questionar os educadores respondentes, Azaleia respondeu que “na educação infantil priorizamos sempre o brincar. Todos os conteúdos são trabalhados de forma lúdica. O brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia da criança”. Nota-se uma preocupação para que a criança brinque e aprenda de forma conjunta. Para Cíclame “o brincar é a principal forma da criança aprender, portanto, ela é oportunizada diariamente de diferentes formas. O brincar ocorre

em forma de brincadeiras de roda, com brinquedos estruturados, objetos para exploração, brincar na sala, no parque e demais espaços”. Novamente, retrata que o brincar acontece de inúmeras formas, espaços e com elementos variados.

Costas, Tapajós e Santos (2020, p. 10) enfatizam a seguinte ideia sobre a infância, “percebe-se a necessidade da criança de vivenciar essa etapa da vida em sua amplitude, quer na família, na escola e na sociedade de maneira geral para tornar-se um adulto sem frustrações e com boas recordações da infância”, logo, para que a criança realmente se desenvolva da melhor forma possível existem os documentos que auxiliam neste processo. A Base Nacional Comum Curricular apresenta a criança “como protagonista em todos os contextos dos quais participa: a criança não apenas interage, mas cria e modifica a cultura e a sociedade” (COSTA; TAPAJÓS; SANTOS, 2020, p. 12), para que isto ocorra, nada melhor do que permitir que a criança vivencie as brincadeiras e se desenvolva através delas. O(a) educador(a) precisa de propostas que permitem exatamente isto, logo

Sobre essa regulamentação, as propostas devem contemplar situações nas quais os pequenos possam brincar e interagir com os colegas por meio de jogos e brincadeiras, por exemplo; quando oportunizados tais momentos, as crianças conhecem e respeitam regras, organizam suas relações e reconhecem também o outro como sujeito em formação (COSTA; TAPAJÓS; SANTOS, 2020, p. 12).

Muitas destas situações, citadas acima, se encontra no brincar. Mas afinal, o que seria brincar? De acordo com Barros, “brincar seria, assim, a capacidade humana de criar vínculo com as pessoas e as coisas do mundo. A criação de vínculo tem como mola propulsora o desejo de cada um, sendo o desejo um dos sentimentos humanos mais espontâneos” (BARROS, 2018, p. 58). Logo, quanto maior a diversidade de elementos/materiais na medida certa para o brincar, estar-se-á proporcionando uma experiência riquíssima à criança.

Neste sentido, muitas respondentes enfatizaram os espaços ocupados para que o brincar aconteça, além da importância do bom planejamento. Enfatiza-se que todo o brincar contém uma intencionalidade, porém cabe o(a) educador(a) definir se a brincadeira será livre ou dirigida, sempre de acordo com as necessidades das crianças. Neste viés, Silveira destaca que “brincar não é meramente deixar a criança livre em um espaço com ou sem brinquedos, porém é um momento direcionado pelo adulto, a fim de proporcionar à criança

inúmeras experiências” (2021, p. 67). A mesma autora ainda complementa que, “o brincar é uma experiência fundamental, contudo, precisa ser intencional, pois o lúdico, as brincadeiras e os jogos são a base para o desenvolvimento integral do educando, em todos os seus aspectos, físicos, sociais, psicológicos, emocionais e cognitivos” (2021, p. 67), como mencionado anteriormente, a intencionalidade necessita estar presente, seja no brincar livre ou dirigido.

Ainda conforme as respostas dos pesquisados referente ao brincar, Calêndula aponta que o “brincar é essencial para a aprendizagem e faz parte do dia-a-dia da educação infantil, momentos de brincar livre e também com brincadeiras dirigidas, devem fazer parte do planejamento e rotina por perceber que as crianças necessitam desses momentos significativos”. Cravo argumenta “ele acontece em todo processo, desde as atividades dirigidas, é em forma de ludicidade. Em alguns momentos o brincar é livre podendo escolher o brinquedo, como também em outros momentos acontece de forma que é direcionado no qual o brinquedo que é dado para a criança. Mas sempre acontece socializado”. Vale lembrar que atividades dirigidas e não-dirigidas precisam conter intencionalidade e, em relação à este tema Silveira menciona:

O brincar, a ludicidade, o jogo e o brinquedo, são mecanismos fundamentais que devem contemplar a proposta pedagógica da EI (Educação Infantil), primeira etapa da educação básica, uma vez que brincando a criança aprende. Contudo, não deve ocorrer de forma espontaneísta, isto é, sem intencionalidade por parte do docente. São inúmeras as possibilidades e atividades que podem ser desenvolvidas, por exemplo, brincadeiras tradicionais, brincadeiras de faz-de-conta, jogos de construção, dramatização, áreas organizadas nas salas de aula, dentre outros (SILVEIRA, 2021, p. 72).

Como pode-se notar, para que o aprendizado aconteça é necessário haver uma intencionalidade, ou seja, levantar questões como: ao ofertar brinquedos estruturados na sala de aula priorizo que a criança desenvolva outros aspectos ou só é uma forma de ocupação de tempo? Para a resposta deste questionamento, apresenta-se um recorte do trabalho de Costa, Tapajós e Santos (2020, p. 13), no qual enfatizam que “a brincadeira é essencial para o desenvolvimento da criança. O adulto deve acolher e enriquecer estas iniciativas infantis que devem ser planejadas, variadas e com intencionalidade”.

Outro fator levado em consideração, observado na pesquisa, são os elementos (brinquedos) que constituem o brincar, Violeta, relata que o “brincar é o trabalho das crianças, de acordo com Maria Montessori. No planejamento levamos sempre em conta que o desenvolvimento e a aprendizagem devem acontecer por meio da brincadeira e da ludicidade. Priorizamos atividades de brincadeiras na sala, com brinquedos estruturados, casinha, e outros momentos no parque, onde as crianças brincam na areia, na brita, balanços. Também brincamos na grama e na praça”. Conforme Violeta, o aprendizado ocorre através da brincadeira, sendo que a mesma oferece ludicidade à criança, todavia, os materiais e o próprio espaço são fundamentais para que haja qualidade nas brincadeiras das crianças.

Nesta perspectiva “a ludicidade pode possibilitar que a criança se expresse com maior facilidade, proporciona uma melhor comunicação, uma expressão de seus pensamentos, sentimentos e opiniões” (SILVEIRA, 2021, p. 71), ou seja, a ludicidade está diretamente ligada ao desenvolvimento infantil por justamente proporcionar uma gama de experiências à criança.

Além dos materiais ofertados, o espaço também foi elencado, o parque que é também um elemento muito apontado pelas respondentes, Girassol menciona que “todos os dias algum período da aula é dedicado ao brincar. Nossos alunos vão ao parque todos os dias (exceto se o clima não colaborar) e lá brincam livremente. Nas salas, dispomos de brinquedos variados. Algumas vezes brincam de forma dirigida e outras livre. Tentamos brincar todos os dias na sala, mas reconheço que nem sempre conseguimos”. Seguindo nesta linha de pensamento, a Rosa-do-deserto destaca em relação ao parque, “adoro deixar utilizar o parque, onde estão próximos à natureza. Todos os dias as crianças tem oportunidade de brincar e imaginar, tanto dentro como fora da sala”.

De acordo com Barros (2018, p. 19) os espaços escolares necessitam dispor de “...ambientes ricos em natureza, incluindo as escolas com pátios e áreas verdes, as praças e parques e os espaços livres e abertos para o brincar, ajudam na promoção da saúde física e mental e no desenvolvimento de habilidades cognitivas, sociais, motoras e emocionais”. Ainda de acordo com o autor, em pesquisas relevantes produzidas principalmente fora do Brasil, apontaram que a falta de contato com a natureza, adocece as crianças, “tornando

nervosas, agitadas, infelizes e com dificuldades de aprendizagem e convivência na escola” (p. 19).

Por fim, Antúrio em sua resposta aborda a ideia central de todas as respostas anteriores, sendo a ideia que o brincar é priorizado, o direcionamento e o espaço são levados em conta para que a criança se desenvolva integralmente. Ela destaca, *“na educação infantil a prioridade é o brincar. Todos os conteúdos trabalhados, objetivos propostos partem do lúdico. A criança aprende brincando. A “brincadeira” faz parte do meu dia-a-dia escolar”*. Através da análise do respectivo questionamento, entende-se qual é a principal função dos docentes:

Portanto, as Instituições Escolares por meio dos docentes precisam promover atividades variadas enriquecedoras a fim de propiciar um vasto repertório de possibilidades, de experiências, de vivências, de interações com os colegas e de conhecimento, de si, de seu próprio corpo e do mundo ao redor (SILVEIRA, 2021, p. 69).

Assim, considera-se que o principal meio de proporcionar essa vasta possibilidade de experiência é por meio do brincar. O brincar precisa acontecer em um espaço apropriado, possibilitando que as crianças brinquem com brinquedos estruturados e não estruturados, além disso, possibilitar o contato com a natureza e respeitar o ritmo e a subjetividade de cada uma.

A questão subsequente se destina ao uso de aspectos na instigação do jogo simbólico, a partir desta ideia realizou-se a seguinte pergunta: o espaço e a variedade de materiais são fundamentais para incrementar o jogo simbólico. Neste sentido, o jogo simbólico se faz presente na sua prática pedagógica? Com qual frequência? Os respondentes selecionaram a alternativa que constava *“Sim, muito”*, afirmando que em suas práticas pedagógicas proporcionam a presença do jogo simbólico de grande proporção.

A pergunta que solicitava que os respondentes assinalassem os brinquedos que mais instigam o jogo simbólico, teve-se as seguintes opções: industrializados, não estruturados, sucatas, elementos naturais, não se aplica/não sou capaz de opinar. Além de assinalar, solicitava uma justificativa. Vale destacar que sete respondentes selecionaram o item que condiz brinquedos industrializados e não estruturados e um respondente selecionou somente elementos não estruturados.

As justificativas são as seguintes: iniciando com a Rosa-do-deserto que destaca “através de um brinquedo da sala a criança imagina ser bem outra coisa. Tudo depende como é ofertado”. Enquanto a próxima respondente enfatiza que cada brinquedo tem uma finalidade, ou seja, Azaleia compreende que “o brinquedo pronto, industrializado é usado de uma forma e o brinquedo não estruturado já oferece uma oportunidade de ser lapidado e transformado pela imaginação da criança”. Ambos, os brinquedos, possibilitam o jogo simbólico, no entanto como apresentado por Azaleia, o brinquedo não-estruturado estimula ainda mais o faz-de-conta. O faz-de-conta ou jogo simbólico (Romano *et al*, 2021) é o que mais desenvolve a criança na pré-escola, é a partir dele que surgem outras maneiras de brincar. Os benefícios do jogo simbólico são múltiplos

Por meio do brincar simbólico, que acontece principalmente das brincadeiras de faz de conta, a criança constrói sua própria representação de mundo e pode experimentar vários papéis. É através do faz de conta que a criança tem a oportunidade de externalizar situações e sentimentos, propiciando simbolicamente, meios para enfrentá-los e resolvê-los (ROMANO *et al*, 2021, p. 48400).

Além disso, o jogo simbólico é usufruído pelas crianças para realizarem seus desejos, diante disso, Bispo (2018, p. 03) enfatiza que “tentando satisfazer esse desejo a criança cria um faz-de-conta, e durante essa brincadeira ela vai resolvendo essa tensão e realizando seus anseios de agir como um adulto, por exemplo, cozinhar, dirigir entre outros”. Dessa forma, é importante proporcionar inúmeros momentos de ludicidade às crianças, pois, além de aprender, lidam com seus desejos, anseios e frustrações.

Destaca-se ainda sobre o faz-de-conta, na ideia de Cíclame que menciona “o jogo simbólico por meio de brinquedos industrializados ocorre quando a criança imagina o lugar e a situação, já com os brinquedos não estruturados é necessário ainda mais criatividade e possibilita mais liberdade para a criação da brincadeira”, logo, de acordo com a resposta, percebe-se que ambos os brinquedos estimulam o jogo simbólico, no entanto, os brinquedos não estruturados exigem mais criatividade/imaginação da criança, reforçando assim a ideia de Azaleia. Neste viés Girassol complementa que “o jogo simbólico requer imaginação. Os brinquedos não estruturados exigem que a criança utilize muito a sua imaginação. Por sua vez, alguns brinquedos industrializados também permitem essa

possibilidade pois, para a criança uma furadeira de brinquedo pode logo se transformar em uma pistola”. Em contrapartida, ao analisar a resposta de Girassol, verifica-se que, como citado, a furadeira pode virar uma pistola, o que representa que existe a possibilidade de brinquedos estruturados se transformar num auto conceito da criança e se transformando num brinquedo não recomendado.

Independente do brinquedo, a ludicidade se faz presente, de acordo com Romano *et al*, ela auxilia no processo de desenvolvimento integral da criança, uma vez que

O cérebro humano tem funções diferenciadas quanto ao seu hemisfério esquerdo, onde predomina a razão, e ao direito, onde predomina a emoção. A ludicidade e o ato de brincar está intimamente relacionada ao hemisfério direito, onde se desenvolvem as emoções dos seres humanos (2021, p. 48399).

Diante disso, vale frisar o quanto as escolas estão direcionadas a estimularem principalmente o intelecto da criança, mas como pode-se observar, as emoções, a corporeidade, todos os aspectos precisam ser considerados e desenvolvidos. Logo, a criança (Romano *et al*, 2021) ao brincar, rir, resolver problemas, encontrar ou formular soluções, está ativando ambos os hemisférios do cérebro.

Como analisado acima, o jogo simbólico que engloba a ludicidade tem grande relevância para o desenvolvimento infantil, como o educador(a) é o responsável por proporcionar experiências significativas para as crianças, é necessário desenvolver o planejamento. Nesse sentido, Cravo enfatiza em sua resposta que o jogo simbólico está presente “conforme o planejamento coletivo ou individual”. Já Violeta considera que “as crianças se utilizam espontaneamente do faz-de-conta e o praticam diariamente, interpretando e ressignificando o mundo. Por isso, é importante planejar bem as atividades, trazendo para dentro da sala de referência diversos elementos, a fim de que não sejam oferecidos apenas brinquedos industrializados”. Violeta menciona sobre a importância da diversidade de brinquedos e não somente brinquedos estruturados. Lima, Martins e Abreu (2021, p. 89) argumentam que os brinquedos não estruturados

... possibilitam e estimulam a criança a utilizar sua imaginação e criar sua própria brincadeira com os materiais disponíveis, que passam a ser brinquedos a partir da ação sensório-motora e imaginativa da criança. A utilização de brinquedos não estruturados no brincar também pode ser denominada de brincar heurístico, que,

no mesmo sentido, trata-se do brincar valorizando as curiosidades e descobertas das crianças.

O brincar permite instigar a curiosidade da criança, como citado pelos autores, estes deve constar no planejamento e na prática pedagógica. Antúrio apresenta diversos brinquedos que podem ser disponibilizados *“no caso dos industrializados os legos, monta tudo, quebra-cabeças, carrinhos, bonecas, que eles adoram brincar livre na sala. Quando oferecemos caixas vazias, madeirinhas ou outros materiais, com os quais as crianças inventam e criam seu brinquedo, elas desenvolvem seu raciocínio bem como o o seu crescimento global”*. Em relação aos brinquedos estruturados apresentados por Antúrio, nota-se que há a presença de legos, monta-tudo, tais brinquedos não possuem uma ideia pré-estabelecida, permitindo que a criança imagine o que ele vai se tornar na sua brincadeira.

Todavia, um respondente mencionou somente brinquedos não estruturados, Calêndula justifica que, *“pois, dão mais autonomia de criação, imaginação, criatividade, e estimulam o faz-de-conta da criança”*. Esta questão como um todo, apresentou principalmente os brinquedos não estruturados como o principal elemento para enfatizar/estimular o jogo simbólico.

Considerações finais

O trabalho apresentou-se de grande relevância, principalmente, sendo um assunto que precisa ser apresentado nas pautas da formação continuada. Por meio da conscientização e da capacitação profissional, sobre a importância de promover momentos de brincar com brinquedos não estruturados que impacta de forma positiva no desenvolvimento da criança,

De acordo com a pesquisa, são 63% dos educadores que utilizam muito pouco os brinquedos não estruturados nas suas práticas pedagógicas. Outro aspecto levantado são os espaços destinados ao brincar, sendo que na escola o único espaço é o parque, no qual não há folhas, é cercado por muro e o chão é coberto por brita. No entanto a escola possui uma parceria com a igreja que se localiza próximo do educandário e que possibilita que as crianças possam brincar na grama, todavia, o espaço não possui um enriquecimento de elementos naturais para as crianças explorarem. Muitas das respondentes mencionaram que

pecam nos seus planejamentos, por não proporcionar o momento de a criança brincar com os quatro elementos da natureza, ar, fogo, água e terra.

Também vale enfatizar que enquanto a composição dos brinquedos encontrados na escola onde esses educadores atuam, a grande maioria é advinda da industrialização, até mesmo o parque é plastificado. Sendo assim, as crianças brincam diariamente com brinquedos estruturados. Logo, a escola também necessita desemparedar e ofertar espaços variados e brinquedos variados, para aumentar o repertório de vivências/experiências significativas às crianças.

Em síntese, a garantia do direito de brincar e o uso dos brinquedos de sucatas e elementos naturais na escola para o desenvolvimento da criança na primeira infância passa a ser um diálogo necessário e uma prática desejável dos educadores, assim questiona-se: este é um sonho possível? Estão os educadores preparados? É possível incluir esta temática na formação continuada dos educadores?

Referências

BARROS, Maria Isabel Amando de. **Desemparedamento da infância: a escola como um lugar de encontro com a natureza**. Rio de Janeiro, 2ª edição, 2018, p. 01 -110.

BISPO, Claudiene Cordeiro Leandro. **A brincadeira de faz de conta contribui mesmo para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças?** In: VI SIP: II ENEEPAL – I SEPAL, Campus A. C. Simões, Macéio, 10 a 14 de dezembro de 2018, p. 01 -15. Disponível em: https://doity.com.br/media/doity/submissoes/artigo-30c1967c57e3fb6020829856a424f6d43084d5a6-segundo_arquivo.pdf. Acesso em: 24 set. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018, p. 01-600. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em 24 abri. 2022.

COSTA, Sinara Almeida da; TAPAJÓS, Jéssica Alves; SANTOS, Célia Maria Guimarães. Aprendizagem da criança: relação entre a BNCC e a Teoria Histórico Cultural. **Educação em Revista**, Marília, v.21, n. 02, p. 9-20, 2020. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/9845>. Acesso em 24 set. 2022.

DORNELLES, Leni Vieira. Na escola infantil todo mundo brinca se você brinca. *In*: CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 101 -108.

FERREIRA, Vania de Souza. Conceituando ludicidade e o brincar. *In*: LIMA, Caroline C N.; LEON, Juliana M.; MOREIRA, Simone C.; *et al.* **A ludicidade e a pedagogia do brincar.** Porto Alegre: Grupo A, 2018, p. 01- 09.

LIMA, Manuela de; MARTINS, Gabriela Dal Forno; ABREU, Gabriela Vieira Soares de. Características e Especificidades do Brincar com Brinquedos Estruturados e não Estruturados. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, v. 13, n. 1, p. 85-104, ago. 2021. ISSN 2175-5027. Disponível em: <https://seer.atitus.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/3940>. Acesso em: 25 set. 2022.

ROMANO, A. P.; OLIVEIRA, A. P. L. C. de; CONEGUNDES, A. V.; COLARES, E. J. F.; COLARES, E. J. F.; FARIA, N. C.; SILVA, R. S. da. O jogo simbólico e a sua contribuição no cotidiano infantil: Relato de experiência do projeto caravana da educação infantil da Secretaria Municipal de Educação de Manaus. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 5, p. 48394–48410, ISSN: 2525-8761, 2021. Disponível em: <https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/view/29764>. Acesso em: 25 sep. 2022.

SILVEIRA, Viviane da Silva. O brincar na educação infantil e a BNCC. **Educação Infantil Online**, vol.2, maio/agosto 2021, ISSN: 2675-9551, p. .67-74. Disponível em: <https://periodicos.editorialaar.com/index.php/educacaoinfantilonline/article/view/80>. Acesso em 24 set. 2022.

TEIXEIRA, Vanessa Ramos. As inúmeras representações do brincar. *In*: LIMA, Caroline C N.; LEON, Juliana M.; MOREIRA, Simone C.; *et al.* **A ludicidade e a pedagogia do brincar.** Porto Alegre: Grupo A, 2018, p. 01 -09.

VERÍSSIMO, Ana Carolina Brandão. **O brincar livre na Educação Infantil: da diversão à garantia de direito(s).** Porto Alegre, 2018, p. 01 -88. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/12570/1/000489553-Texto%2BCompleto-0.pdf>. Acesso em: 27 set. 2022.